

ATENÇÃO AQUI ABRETTA



E é esta a ditosa patria minha amada!!!!!!

LITTERATURA SUSPEITA

Um individuo cujo nome não importa referir n'este momento, deu ha tempos a lume uma publicação sadica, onde, sob apparencias romanticas, os raros leitores dos dois fasciculos impressos, julgaram vêr infamada uma senhora da nobreza. Esta exploração do escandalo, que nem tinha a desculpa-a sequer, vislumbres d'arte, nem tão pouco brilhava por algum d'esses trucs de vingança pessoal, que uma ou outra vez chegam a attenuar, de sinceros, a responsabilidade da infamia commettida: esta publicação revestia na sua chateza d'intuito e de processo, a revoltante e estúpida grosseria que a calumnia tem, distillando-se d'um cerebro sem talento, pela fenda d'uns labios sem sorriso, e atravez d'um coração sem probidade.

O effeito d'ella, sobre os curiosos olhares que a percorreram, foi de nojo—que a indignação não é já hoje sentimento capaz de ser despertado ahí pela má fé de qualques sapo de *basfond*, que sobre crapuloso, haja perdido a faculdade d'exgréggar peçonha caustica, pelos canaes das glandulas litterarias. Entretanto, lá ondè a intervenção critica da gente pura vacilla, principia felizmente a intervenção do criminoso; e o Malseroy belfurinho, que transportára a Lisboa, desnaturada d'encanto, a pornographia lesbica das *Deux Amies*, foi mandado tornar á obscuridade d'onde não sahira portador d'uma theoria litteraria, d'uma formula, d'um simples dito, mas trazendo nos dentes, babujentos de sania, o que a elle se afigurou deveria ser o frangalho d'uma reputação.



Considerado em si mesmo, este episodio não vale coisa alguma, figurando n'elle, como figuram, uma especie d'imbecil sem patria moral, meia duzia de *badauds* hydrophobos d'escandalo, e uma distinctissima mulher que por nascimento e por character, por impressividade d'alma e de talento, paira n'uma região superior d'espírito e de nobreza, inacessivel aos uivos da canalha. Mas vae que o episodio tem antecedentes, d'onde por hereditariedade procede a torpeza que o enxafurda, e quem sabe se elle vem demandar para as coizas da vida intima, a era d'irrespeito, de suggestão malevola e de *chantage*, que alguns jornalistas politicos crearam entre nós, para as coizas da vida publica.



Já uma vèz consegui traçar d'*après-nature*, asilhouette d'esse charlatão digitigrado que é o jornalista de pulso em Portugal, e de corrida pude historiar-lhe a influencia, alternativamente cobarde e audaciosa, nos sub-solos intellectuaes do jornalismo, onde crucitam

corvos de côr menos potente, desde o critico de theatro, até ao noticiarista e ao simples informador. N'estas cabeças de subalternos, quasi todos novos e furiosos por vir brilhar, com o seu chefe, á flôr da voga, a noção da verdade á coisa seccundaria, sempre que se tracta de chegar á evidencia, por uma critica ou *interview* de sensação.



A litteratura de jornal cumpre ajuntar a litteratura de livro, poemas ou romances, simples soneto ou simples conto... Mesmo no livro de litteratura seria, ha um predominio de carne, revelado em detalhes de volupia, onde a nudez não vem como episodio necessario ao desenvolvimento pathologico da theze, senão como uma preocupação de bréjeirice que a principio tentará como novidade, mas que repetido fatiga, e acaba emfim por nausear. Dispensa-me entretanto o leitor d'escrever nomes. Esses livros a que alludo, salva-os ainda assim o talento calido ou sarcastico que os assigna; e não ha obra d'arte immoral quando a sobredóira o nome d'um grande artista limpido e profundo. Mas á proporção que est'arte se mediocrisa na escala de producção, e a factura da obra empallidece, é reparar na impressão réles produzida pela leitura d'um d'esses romances ou livros de historietas licenciosas.

Actualmente anda por ahí o mercado a abarrotar d'essas infamias. São os almanacks onde se debitam, por baixo de gravuras pulhas, velhas anedoctas de frades, d'estudantes, de soldados, rescendendo a torpeza grossa dos quartéis. São as reedições de velhos livros libidinosos, como os *Serões do Convento*, a *Martinhada*, e os contos obscenos de Bocage, que os editores annunciam pelos anteparos dos sumidouros, em pequenos cartazes, concitando os devassos a esthesiaram os nervos mortos (emquanto se não generalisam as injeções de Brown-Secquard) pela leitura d'aquellas folhas polluidas. São os romancistas, os contistas, os poetastros d'alfurja, sobrexcitando a nymphomania das velhas hystericas, a impotencia vulcanica dos cacheticos, dos caixeiros olheirentos e enclausurados, pela narração d'amores porcos, entre moços de cavalhariça e cosinheiras, velhos condes do Corniski e estupidas Niniches, sem espirito, nem plastica apetecivel—o todo avivado d'estampas copiadas das illustrações da *Justina*, da *Art de péter*. e das historietas canalhas de Brantôme e Casa-Nova. E não se imagina a quantidade d'escriptores que ha no paiz, interessados na producção d'estas torpezas, a familiaridade criminosa que estes volumes se crearam, disfarçadamente, na mór parte dos interiores pobres ou ricos—esses mesmos que os paes defendem da visita dos jornaes auctorizados pelo terror de que alguma phrase picaresca, ironia, ou allusão ligeira ás coizas decotadas, venham perturbar a limpidez ideal das almas em botão.



Todo este contrabando litterario, crearam-no d'um lado a indiferença do publico perante os livros sincera e honradamente elaborados, a sua falta de gosto, a sua falta de cultura; do outro, a necessidade de comer que teem uns vadios, sem escrupulos nem honra, inhabeis para qualquer trabalho profissional, e vivendo apenas d'uma satyriase mental, que pela bestificação em que resvalou, nunca poderia dar de si trabalhos de talento. N'outro paiz mais fino, essa miserima obra falliria logo ás primeiras tentativas de soborno moral, instilladas na populaçã a que ella tivesse sido endereçada. A' leitura das primeiras paginas, os monomaniacos haveriam reconhecido n'ella toda uma completa ausencia de predicados de seducção, inherentes á obra d'espirito... a imaginosa frescura dos detalhes, a pittoresca vivacidade dos episodios e dos typos, uma pavea colorida e lesta de linguagem... tudo quanto n'uma palavra serve a prender o leitor — mesmo deliquescente — n'uma orquestração de coisas lucidas e vividas. Entre nós, exigir da grande massa do publico este criterio, seria outorgar-lhe qualidades, de que elle intellectual e organicamente é incapaz. Não é por delicia d'arte, nem por suggestões d'esthetica e de gosto, que em Portugal se lê um romance ou um poema. Mas por mero passatempo, por interesse d'efabulação, suspeita d'escandalo, ou por banal aphrodisia simplesmente.

Mademoiselle Giraud, ma femme, traduzida em portuguez, deu tres contos de réis ao editor. Os romances d'um tal Arsenio de Chatnay deram centenas de libras ao livreiro que os editou. *Do Recambole* ainda hoje se estão a fazer reproducções...

De mais Querem os leitores saber o que é o publico? Ha cerca d'alguns mezes, succedeu-me abordar um velho chefe de familia, dos meus amigos, homem prudente, serio, quadrado, verdadeiro typo de casta, representante, pelas predilecções e pelas tendencias, dos tres quartos da população de Portugal. Fallamos do Theatro, e então elle citou-me a *Françillon* de Dumas filho, como uma das peças mais revoltantemente immoraes que tinha visto.

--No segundo acto, o desaforo foi tal, que tive de me ir embora, mais as pequenas.

A conversa mudou, e d'alli a nada, como eu alludisse á *Revista do Anno*, o meu amigo confessou-me a rir que tinha ido, e gostára immenso.

--Eh! Eh! as pequenas até aprenderam a cançoneta da introduccção.

IRKAN.

EM S. CARLOS E NA AVENIDA

Peço aqui a *Julião d'Alça*
Que diga a verdade nua,
Se os *sabonetes do Congo*
Inspiram a musa sua.

Saboaria Victor Valasier, Paris

O Salvador

Notas a lapis

Salvador da patria bello,
Mal na Lisbia desembarques,
Dizem da Lapa ao Castello
Que vaes metter n'um chinelo
O proprio Salvador... Marques!

Já chegaste—eu te saúdo!—
Sob um ceu puro asuloio.
A' gare devera ir tudo
Dar-te abraço façanhudo
Mal saltasses do comboio.

E em vez de ir toda a colonia,
Buscar-te de palanquim,
Na gare, a Santa Apolonia,
Só se viu, p'ra a cerimonia,
O sempre esvelto Thedim!!!

E á tarde já se rosnava
Que esse Thedim—ora poço!—
Fora ali—mas não te esp'rava—
Como quem pode ir á fava,
A fazer horas d'almoço!

Este povo, em gritarias,
Desde as tabernas ás salas,
Extranhou como podias
Levar quatro ou cinco dias
Simplesmente a fazer malas!

E d'ahi deduz então,
Em phrases muito concisas,
Que houve a demora em questãc
Por trazer's a *salvaçãc*
Na maleta das camisas.

Portugal! eis-te feliz,
Pois que o salvador assoma!
—Quem diria o que hoje diz,
Que a salvaçãc do paiz
Não 'stava cá: 'stava em Roma?!

Mas eu, que ha muito ando afeito
Da tal politica ás baldas,
—Salvo o devido respeito—
Cá no meu fundo, suspeito
Que a *salvaçãc*—é das Caldas...

E uma estranha voz escuito.
Dizendo em phrases sensatas
Que—aparte o teu nobre intuito—
Não passarás—quando muito
De *salvador*... das batatas!...

PAN-TARANTULA.

Retrato de Brejeirona de Freitas

JOHN RULL



Eis aqui está de que elle é feito,—de massa de Kus-Kus.

O Par de Botas

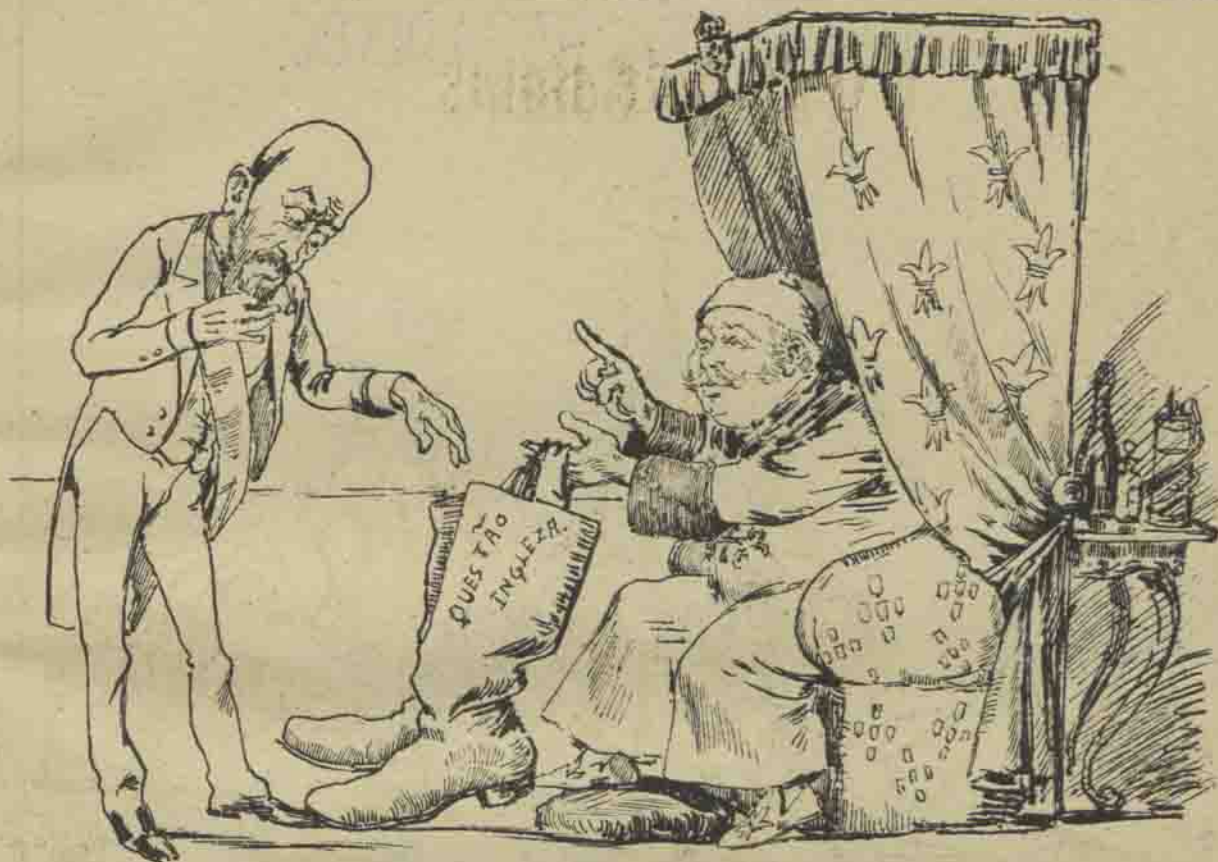


Receber das mãos de Sua Santidade a inspiração divina,

mettel-a piedosamente na chapelleira,



e embarcar n'um dos botes dos apóstolos—foi tudo obra d'um momento, que durou oito dias! Oito dias, que para a Patria ansiosa pareceram oito séculos!



Vae beijar a mão d'El-Rei, que, em signal de affecto pelo seu antigo aio, lhe impinge delicadamente um riquissimo par de botas.



E eil-o sósinho, sentado no banco do poder, meditando como ha-de descalçar aquella bota, que, apezar de folgada, lhe começa já a apertar os calos.

Os tres sapateiros que fizeram a bota assistem contentes áquella tortura.
—Aguenta-te no balanço ! Dizem elles.

